

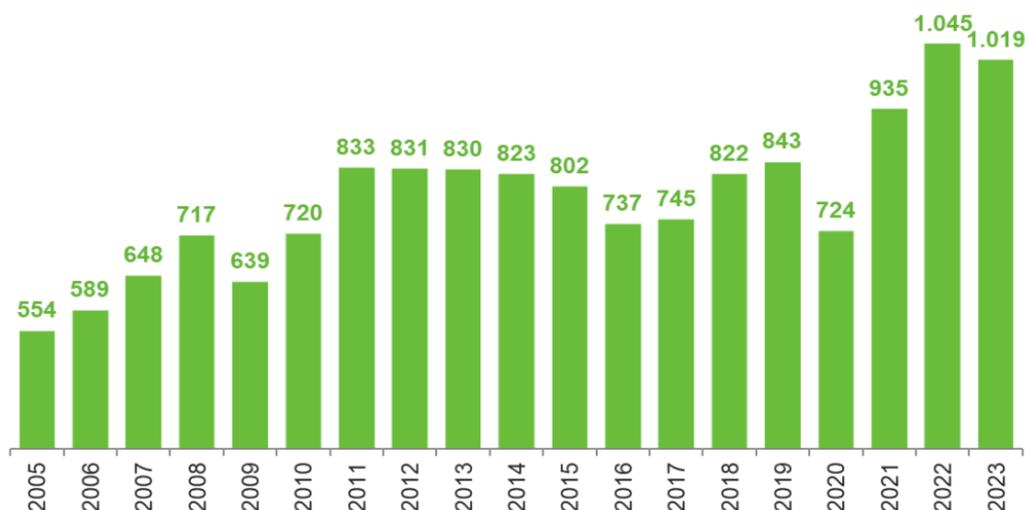
## Arrecadação federal cai 2,5% nos primeiros sete meses do ano

Entre janeiro e julho de 2023, a arrecadação federal alcançou R\$ 1.018,5 bilhões, uma retração de 2,5% em termos reais em relação ao mesmo período de 2022, quando as receitas chegaram a R\$ 1.045,2 bilhões. Nesse resultado, foram excluídas as receitas previdenciárias, que alcançaram R\$ 337,3 bilhões nos sete primeiros meses de 2023 (+6,8% ante jan-jul/2022).

De maneira geral, a redução das receitas do governo se sucedeu, sobremaneira, por mudanças na legislação que ocorreram ao longo do ano, dentre elas, as reduções das alíquotas de IPI e de PIS/COFINS sobre os combustíveis. A queda na arrecadação desses tributos – os quais representam quase 28% das receitas do Governo Federal – foi na ordem dos 3,2% em termos reais (R\$ -9,0 bilhões). Além disso, em 2022, houve pagamentos atípicos no IRPJ e CSLL que fez a base subir e, conseqüentemente, se observar uma retração nesse ano. Segundo as estimativas da Receita Federal, caso não houvesse esses movimentos atípicos, haveria um crescimento real de 4,7% na arrecadação do período.

### Arrecadação federal entre janeiro e julho de cada ano

(Excluídas as receitas previdenciárias | R\$ bilhões | a preços de jul/2023)



Fonte: Receita Federal. Elaboração: UEE/FIERGS

Por outro lado, o Imposto sobre a renda retido na fonte cresceu 13,2% (R\$ 222,4 bi ante R\$ 196,4 bi em 2022), resultado do desempenho da arrecadação sobre os rendimentos de capital, que cresceu 28,1% entre janeiro e julho/2023 (+R\$ 14,6 bi). Esses números são reflexo do patamar da

Selic no Brasil, que elevou os juros reais da economia brasileira, tornando atrativo os investimentos brasileiros. Segundo a Receita Federal, a arrecadação do item “Aplicação de Renda Fixa (PF e PJ)” cresceu 65,7% em termos nominais em 2023.

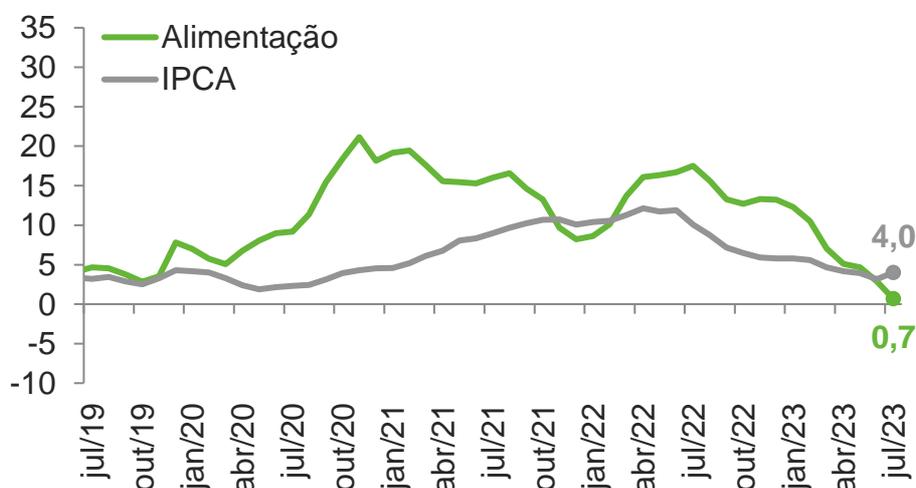
Daqui para frente esperamos a continuidade das retrações no caixa do Governo Federal. Principalmente, pela queda na atividade daqueles setores que possuem alto consumo intermediário, como é o caso da indústria. Além disso, os números do mercado de trabalho, ainda que estejam em patamares altos, mês a mês vêm demonstrando reduções no ímpeto de crescimento. Nesse sentido, toda arrecadação indexada à massa salarial – como é o caso, da receita previdenciária.

## O que está por trás da deflação nos preços dos alimentos?

Os alimentos na mesa dos brasileiros ficaram mais baratos em 2023. No acumulado dos sete primeiros meses do ano, o IPCA Alimentos apresentou deflação de 0,6%, o menor patamar desde 2017 (deflação de 1,9% entre jan-jul/2017). Como ponto de comparação, em 2022, devido à ocorrência da guerra entre Rússia e Ucrânia, a inflação da Alimentação no domicílio foi de 11,8%.

A inflação de Alimentos é composta por 16 itens e 159 subitens, que vão desde cereais, leguminosas, frutas, até as carnes, ovos, açúcares, leites e derivados. Quase 23,0% das variações do componente é resultado das oscilações dos preços do Pão Francês, Leite Longa Vida, Frango em pedaços, Arroz e Queijo.

### IPCA e inflação de alimentos (Em % | Acumulado em 12 meses)



Fonte: IBGE. Banco Central. Elaboração: UEE/FIERGS

No acumulado de 2023 (jan-jul), os subitens com maior deflação estavam agrupados em Óleos e Gorduras, o qual apresentou retração de 17,0% no ano, puxado pela queda acentuada nos preços do Óleo de soja (-28,2%). Outro destaque no ano foi a redução em 7,9% dos preços das Carnes, com destaques para as quedas da Alcatra (-11,5%), Contrafilé (-10,2%) e Filé-mignon (-10,2%). Além disso, vale mencionar a queda de 3,8% dos itens de Aves e ovos, resultado do desempenho da carne de Frango em pedaços (-9,4%) e Frango inteiro (-7,9%). Os Ovos, por sua vez, acumularam alta de 16,6% no ano. A principal explicação para a redução dos preços desses itens, principalmente as de carnes, está relacionada à queda dos preços das *commodities*, como o milho e o farelo de soja, que compõem a ração dos animais de corte. A queda dos itens ligados à soja, está relacionada à safra recorde no Brasil, vista no início do ano.

As pressões altistas no ano (acumulado de janeiro a julho), ficaram por conta dos grupos de

Hortalças e verduras (+16,1%) e dos itens de Leite e derivados (+4,5%), com destaque para o aumento dos preços do Repolho (+27,7%), Alface (+18,9%), Leite fermentado (+11,2%), Leite longa vida (+7,1%) e Iogurte e bebidas (+4,9%).

De forma geral, esperamos que os alimentos continuem a tendência de baixa, fechando o ano com inflação de 0,7%. A baixa perspectiva de crescimento das principais economias mundiais deve continuar empurrando os preços das *commodities* para baixo. Além disso, a boa perspectiva sobre a safra de inverno deve atenuar qualquer pressão de preços que possa surgir.

## Cenário econômico ameniza e índice de confiança da indústria gaúcha cresce pelo terceiro mês seguido

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) manteve a trajetória de recuperação em agosto e mostrou pequeno avanço, de 0,9 ponto, em relação a julho, para 49,9 pontos. Com isso, o índice ficou praticamente sobre a marca de 50, na margem neutra, que não indica a falta nem a presença de confiança. Nos últimos três meses, o ICEI/RS cresceu 3,7 pontos e atingiu o maior nível desde outubro de 2022, no entanto, distante de recuperar a queda acumulada dos últimos dez meses, que ainda é de 13,0 pontos.

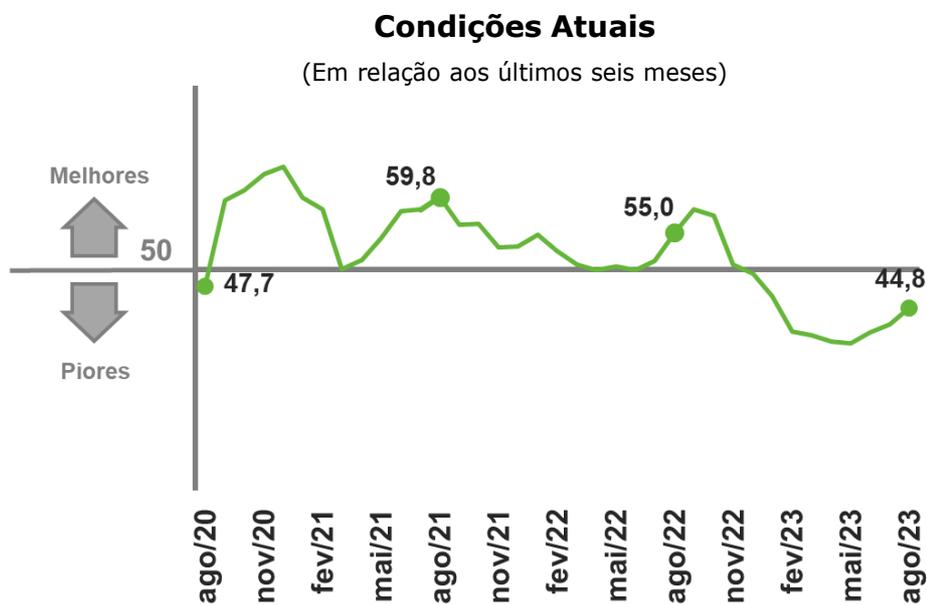
### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS



Fonte: UEE/FIERGS

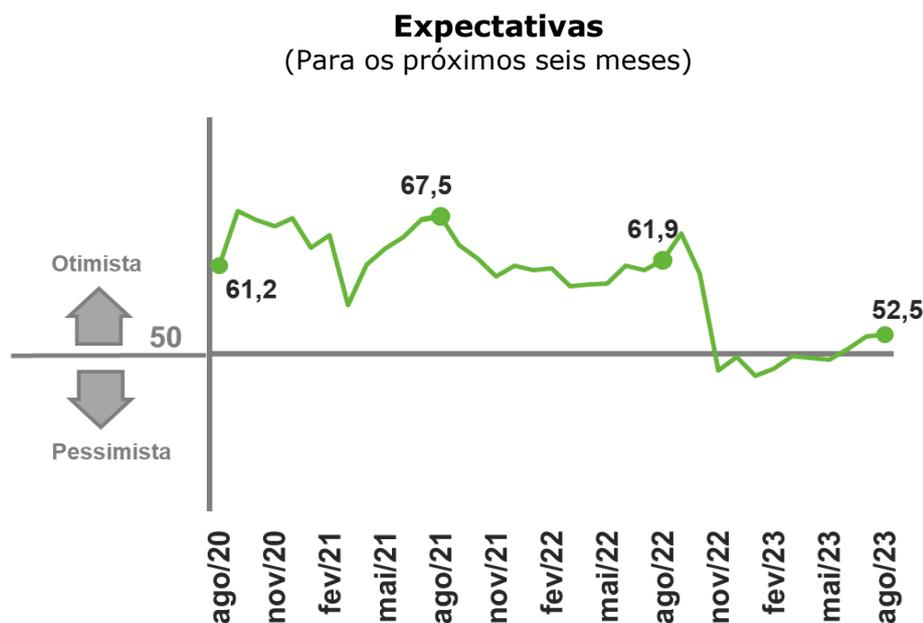
A expansão do ICEI/RS de julho para agosto ocorreu, do ponto de vista de seus componentes, devido à melhora relativa nas avaliações dos empresários sobre as condições atuais, que ficaram menos desfavoráveis.

O Índice de Condições Atuais atingiu 44,8 pontos em agosto, 2,3 acima do mês anterior e o maior valor desde janeiro desse ano. Porém, o índice, que varia de zero a 100, continuou abaixo de 50 no oitavo mês do ano, denotando piora nas condições atuais dos negócios, ainda que menos intensa e disseminada entre as empresas. Os empresários gaúchos avaliam negativamente as condições atuais desde dezembro de 2022. Entre os componentes, o maior crescimento, de agosto em relação a julho, ocorreu no Índice de Condições da Economia Brasileira, que subiu 4,0 pontos e atingiu 41,9, o que também expressa uma atenuação no quadro adverso, que vem ocorrendo nos últimos três meses. De fato, a parcela de empresários gaúchos que percebem um agravamento do cenário econômico brasileiro caiu de 50,0% em julho para 39,7% em agosto (eram 59,5% em maio), ante um aumento dos percentuais das empresas que percebem melhora ou não vêem mudanças, respectivamente, de 7,9% para 12,6% (eram 5,3% em maio) e de 42,1% para 47,7% (35,3% em maio). Da mesma forma, as condições atuais das empresas ficaram menos desfavoráveis: o índice aumentou de 44,8 em julho para 46,4 pontos em agosto.



Fonte: UEE/FIERGS

As perspectivas dos empresários gaúchos para os próximos seis meses seguem moderadamente otimizadas pouco se alteraram entre julho e agosto. O Índice de Expectativa oscilou de 52,3 para 52,5 pontos, o que indica um otimismo contido (acima, mas perto dos 50 pontos e abaixo da média histórica de 57,1 pontos). As expectativas positivas seguem restritas ao componente que avalia o futuro próximo da empresa: o Índice de Expectativas da Empresa variou de 55,8 para 55,2 pontos. Já o pessimismo, ainda que menor, persiste com relação à economia doméstica. O Índice de Expectativas da Economia Brasileira cresceu de 45,4 em julho para 47,2 pontos em agosto, mas continuou abaixo de 50, pois a parcela de empresários pessimistas diminuiu de 31,6% para 25,6%, mas ainda supera a de otimistas, que cresceu de 12,6% para 19,1%, juntamente com a maioria que não espera alterações, de 51,6% para 55,3%.



Fonte: UEE/FIERGS

Após o estresse gerado pelas eleições no ano passado, a confiança da indústria gaúcha caiu intensamente até atingir a mínima em fevereiro de 2023, quando iniciou um processo mais de acomodação do que de recuperação, relacionado ao alívio do cenário com a queda da inflação, a menor incerteza, e, mais recentemente, a redução da taxa de juros e a tendência de continuidade do ciclo de cortes. Apesar disso, o ICEI/RS continua em patamar baixo em agosto, associado à conjuntura desfavorável que combina baixos níveis de demanda doméstica e externa, bem como níveis ainda elevados de juros e de incerteza.

Portanto, os resultados indicam que a indústria gaúcha não deve alterar, nos próximos meses, o comportamento observado atualmente, de alta volatilidade e baixo dinamismo. O componente que mede as expectativas dos empresários, apesar da melhora recente, também tem se mantido em patamares modestos.

## DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

	2019	2020	2021	2022	2023*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	0,4	4,2	0,3	-1,7	11,0
Indústria	-0,7	-3,0	4,8	1,6	0,8
Serviços	1,5	-3,7	5,2	4,2	1,4
<b>Total</b>	<b>1,2</b>	<b>-3,3</b>	<b>5,0</b>	<b>2,9</b>	<b>2,0</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)</b>					
Em R\$	7,389	7,610	8,899	9,915	10,599
Em US\$ <sup>2</sup>	1,873	1,476	1,649	1,920	2,119
<b>Inflação (% a.a.)</b>					
IGP-M	7,3	23,1	17,8	5,5	-2,7
INPC	4,5	5,4	10,2	5,9	4,6
IPCA	4,3	4,5	10,1	5,8	4,8
<b>Produção Física Industrial (% a.a.)</b>					
Extrativa Mineral	-9,7	-3,4	1,0	-3,2	4,6
Transformação	0,2	-4,6	4,3	-0,4	0,0
<b>Indústria Total<sup>3</sup></b>	<b>-1,1</b>	<b>-4,5</b>	<b>3,9</b>	<b>-0,7</b>	<b>0,5</b>
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	13	37	146	64	35
Indústria	97	149	719	442	299
Indústria de Transformação	13	48	439	215	147
Construção	71	97	245	193	134
Extrativa e SIUP <sup>4</sup>	13	3	36	35	19
Serviços	534	-378	1.912	1.515	941
<b>Total</b>	<b>644</b>	<b>-193</b>	<b>2.778</b>	<b>2.021</b>	<b>1.276</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	11,1	14,2	11,1	7,9	7,3
Média do ano	12,0	13,8	9,3	7,9	7,6
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	221,1	209,2	280,8	334,1	304,0
Importações	185,9	158,8	219,4	272,6	239,5
<b>Balança Comercial</b>	<b>35,2</b>	<b>50,4</b>	<b>61,4</b>	<b>61,5</b>	<b>64,5</b>
<b>Moeda e Juros</b>					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	4,50	2,00	9,25	13,75	12,00
Taxa de Câmbio – Variação (%)	4,0	28,9	7,4	-6,4	-5,2
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	4,03	5,20	5,58	5,22	4,95
<b>Setor Público (% do PIB)</b>					
Resultado Primário	-0,8	-9,2	0,7	1,3	-1,2
Juros Nominais	-5,0	-4,1	-5,0	-5,9	-6,0
Resultado Nominal	-5,8	-13,3	-4,3	-4,6	-7,2
Dívida Líquida do Setor Público	54,7	61,4	55,8	57,1	61,0
Dívida Bruta do Governo Geral	74,4	86,9	78,3	72,9	74,3

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. <sup>1</sup> O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. <sup>2</sup> Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. <sup>3</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP. <sup>4</sup> SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública.

## DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA GAÚCHA

	2019	2020	2021	2022	2023*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	3,0	-29,6	60,2	-45,6	19,8
Indústria	0,2	-6,1	11,2	2,2	-2,0
Serviços	0,8	-5,0	4,2	3,7	2,0
<b>Total</b>	<b>1,1</b>	<b>-7,2</b>	<b>10,6</b>	<b>-5,1</b>	<b>2,5</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)</b>					
Em R\$	482,464	470,942	584,602	594,055	638,133
Em US\$ <sup>2</sup>	122,282	91,317	108,362	115,018	127,599
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	0	1	7	3	2
Indústria	-6	0	47	29	12
Indústria de Transformação	-2	0	43	22	10
Construção	-4	0	5	7	2
Extrativa e SIUP <sup>3</sup>	0	0	-1	0	0
Serviços	26	-43	90	68	40
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>-42</b>	<b>144</b>	<b>100</b>	<b>54</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	7,3	8,6	8,1	4,6	4,6
Média do ano	8,1	9,3	8,7	6,1	5,0
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	17,3	14,1	21,1	22,6	19,7
Indústria de Transformação	12,5	10,4	14,1	17,5	16,1
Importações	10,3	7,6	11,7	16,0	14,6
<b>Balança Comercial</b>	<b>6,9</b>	<b>6,5</b>	<b>9,4</b>	<b>6,6</b>	<b>5,2</b>
<b>Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)</b>					
	<b>35,7</b>	<b>36,2</b>	<b>45,7</b>	<b>43,3</b>	<b>44,6</b>
<b>Indicadores Industriais (% a.a.)</b>					
Faturamento real	3,0	-3,1	8,9	5,9	-3,7
Compras industriais	-2,7	-5,5	31,2	-0,5	-8,9
Utilização da capacidade instalada (em p.p.)	0,7	-4,5	5,7	-0,7	-3,0
Massa salarial real	-0,8	-9,0	5,3	10,9	3,9
Emprego	0,0	-1,9	6,7	5,9	-0,2
Horas trabalhadas na produção	-0,9	-5,5	15,2	8,4	-1,0
<b>Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS</b>	<b>0,1</b>	<b>-4,7</b>	<b>12,9</b>	<b>4,1</b>	<b>-3,3</b>
<b>Produção Física Industrial<sup>4</sup> (% a.a.)</b>					
	<b>2,5</b>	<b>-5,5</b>	<b>9,0</b>	<b>1,1</b>	<b>-3,3</b>

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. <sup>1</sup> O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. <sup>2</sup> Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. <sup>3</sup> SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. <sup>4</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP.

### Informações sobre as atualizações das projeções:

**Economia Brasileira:** Não houve alterações

**Economia Gaúcha:** Não houve alterações.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

### Unidade de Estudos Econômicos

Contatos: (51) 3347-8731 | [economia@fiergs.org.br](mailto:economia@fiergs.org.br)

Observatório da Indústria do Rio Grande do Sul | <https://observatoriodaindustriars.org.br/>